

João Pessoa - Número Cinco - Março de 2004

A memória, o turismo e a cultura popular no litoral norte paraibano

Gekbede Dantas da Silva*

"As manifestações culturais são comercializadas e transformadas em espetáculo, [...] a mercantilização praticamente passa a ser a mola mestra de qualquer comportamento social do grupo onde até mesmo a hospitalidade passa a ser um produto vendido e comercializado". Krippendorf (1989 apud Figueiredo),

Entre o mar, o canavial e muitos coqueirais, no extremo norte do litoral paraibano, encontramos Barra do Camaratuba. Uma comunidade constituída basicamente por pescadores, agricultores e pequenos comerciantes. A vida cotidiana dos moradores, as relações sociais e culturais, as festas, o desenvolvimento do turismo e suas implicações vêm sendo pesquisados desde julho de 2000, através do projeto LIT/ORAL; memória, história e oralidade na costa da Paraíba, vinculado ao PIBIC/CNPq sob a orientação de Andrea Ciacchi .

O tratamento dado à temática privilegia a fala do outro, bem como a metodologia empregada baseada na obra de Paul Thompson, **A voz do passado: história oral**; Nestor García-Canclini **As culturas populares no capitalismo**; Antonio Augusto Arantes: **O que é cultura popular**, Silvio Lima Figueiredo **Turismo e cultura: um estudo das modificações culturais no município de Soure em decorrência da exploração do Turismo ecológico**, entre outros que contribuíram para a discussão da cultura popular, história oral, memória e narrativas e a sociologia do turismo.

Nesta discussão não pretendo apresentar Barra do Camaratuba como um lugar "propício" ao lazer, ao surf como fariam alguns profissionais de turismo. Pretendo abordar criticamente as mudanças que ocorreram na comunidade, no âmbito da realização das festas e nas relações de trabalho.

Barra do Camaratuba é muito mais do que uma praia propícia ao desenvolvimento turístico. É uma comunidade que apresenta na memória dos seus moradores mais antigos uma identidade cultural que não se perdeu no tempo, mas que pode ser ameaçada pelas propostas turísticas e interferências da prefeitura nas festas tradicionais.

Narrar a Barra é contar as festas, cada fato é um conto, cada conto é algo que se descobre de um povo que recorda do coco de roda, da lapinha, do boi de

reis, da festa de São João e São Pedro, ainda quando não havia energia elétrica. Suas narrativas são essências para a construção das histórias culturais e reconstrução do lugar, na percepção das mudanças. Como escreveu Maria Isaura Pereira de Queiroz

“Tudo quanto se narra oralmente é história seja a história de alguém, seja a história de um grupo, seja a história real.”

Alguns moradores vivem da aposentadoria, outros da pesca e recentemente formou-se um grupo de pequenos comerciantes. São pessoas que aproveitam o momento das festas e o movimento turístico para vender algo: um peixe, uma bebida etc ou auxilia como guia turístico, salva-vida ou no transporte de carros na balsa.

Para compreendermos as mudanças que ocorreram na comunidade é preciso descrever seu processo histórico. O turismo é o mais recente “estranho” chegado à comunidade através de ações municipais. Nas entrevistas com vários moradores ouvimos relatos sobre o passado. Falar, ouvir, narrar o passado da Barra nos remete a um passado específico presente ainda na memória dos moradores mais antigos, ou nas histórias contadas por eles para seus filhos, netos etc.

A história de Barra do Camaratuba pode ser dividida em momentos de rupturas ou no esfacelamento na sociabilidade da comunidade. O primeiro momento se dá nos anos 70 com a chegada de outros moradores atraídos pelas oportunidades de emprego na lavoura de cana de açúcar, na várzea do rio e no minério na beira da praia, em direção norte. Ainda não havia turistas e os moradores recordam de uma época onde as festas eram só para eles. Em meados dos anos 90 chegou uma outra onda de novos “estranhos”. Famílias dividindo suas terras, outros se apropriando e vendendo para pessoas de fora que construíram casas de veraneio e pousadas à beira-mar. Em 2001, chegaram oitenta homens de vários estados para trabalhar na *Millennium* (uma mineradora). Alguns moradores do lugar também foram contratados. Agora com mais residentes, com três pousadas e vários bares, um posto de saúde reformado, pode-se pensar na menina dos olhos da prefeitura: fazer das festas tradicionais o atrativo para municípios vizinhos.

O São Pedro de 2002 prometia ser diferente de todos os outros. Propagandas por todos os lados, era a imagem da comunidade usada para promover a gestão da prefeitura. O dia 29/06/02 prometia shows, bandas como Luciene Melo e Curral do Forró, muita dança e fogos de artifício.

Enquanto a prefeitura montava o palco, o telão no centro da comunidade, os moradores montavam suas barracas comerciais e perguntavam uns aos outros se haveria o coco de roda. Outros se preocupavam com o santo que viria de Cumaru, aldeia da Baía da Traição. À tardinha a imagem do santo chegou na balsa de Toro e foi recebida com fogos de artifício. Depois houve uma procissão por todas as ruas até a igreja, onde houve uma missa. À noite a prefeitura realizou sua festa (seu show), teve apresentação de quadrilhas.

“Nunca vi tanta gente aqui”, dizia D. Suna.

“Essa foi a festa que mais deu gente aqui”, dizia Tereza.

Os moradores mais antigos sentiam falta de algo na festa de São Pedro, aquela festa não era para eles. Então resolveram no outro dia realizar sua própria festa sem palco, sem telão, sem efeitos especiais de iluminação, sem bandas. As estrelas eram os próprios moradores, que dançavam no ritmo do bumbo e do maracá.

"*Isso agora que é festa*", dizia dona Rita. Na caçara dos pescadores, onde eles dançavam havia poucas pessoas, diferente da festa anterior. Era um momento de grande sociabilidade. Alguns dançavam, outros bebiam e aqueles que não sabiam dançar coco, como eu, tentava, acompanhar os passos de dona Rita e dona Maria.

Como percebemos a atividade turística é uma forma para conseguir melhores condições de vida, novos contatos, porém constrói um novo espaço social e cultural. Mesmo com todas as mudanças e as pretensões de órgãos públicos para o desenvolvimento turístico, a memória da comunidade ainda resiste enquanto expressão popular na sua dupla condição: com produção do e uso pelo próprio povo.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

AYALA, Marcos; Ayala, M. I. Novais. **Cultura Popular no Brasil**. São Paulo: Ática, 1987.

CANCLINI, Nestor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CORIOLOANO, L. N.M.T. "Turismo e Degradação Ambiental no Litoral do Ceará". In: Lemos, Amalia Ines G. de, (Org.). **Turismo – Impactos Socioambientais**. São Paulo: HUCITEC, 2000, p.93-103.

DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). **A Imagem das Águas**. São Paulo: HUCITEC, 2000, p. 111-142.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. "Turismo e Cultura: um estudo das modificações culturais no município de Soure em decorrência da exploração do Turismo ecológico". In: Lemos, Amalia Ines G. de, (Org.). **Turismo – Impactos Socioambientais**. São Paulo: HUCITEC, 1999, p.207-222.

IBAMA. **Boletim estatístico da pesca marítima e estuarina do estado da Paraíba – 1998** – Brasília: Tamandaré. 1999.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "Relatos Oraís: do indizível ao dizível". In: **Von Simpson, Olga R. de Moraes** (Org.). Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, 1988, p. 14-43.

_____. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A Queiroz. 1991.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

* Bacharelada em Ciências Sociais – UFPB/Campus I. Bolsista PIBIC/CNPq/UFPB. gekbede@yahoo.com.br

FIGUEIREDO, Silvio Lima. "Turismo e Cultura: um estudo das modificações culturais no município de Soure em decorrência da exploração do turismo ecológico". In: Lemos, Amália G. de, (Org). **Turismo - Impactos Socioambientais**. São Paulo: HUCITEC, 1999, p.207-222

Professor e pesquisador da Graduação de Ciências Sociais e na Pós-Graduação de Sociologia na UFPB.

QUEIROZ, Maria I. P. de **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A Queiroz, 1991,p.50.

Presidente da colônia dos pescadores de Barra do Camaratuba. É o único pescador que possui uma balsa, que serve para transportes de carros e um barco a motor usado para pesca e passeios turísticos.